

ALGUMAS ESPECULAÇÕES SOBRE O DISTRITO PRADENSE DE VITORIANO VELOSO, LOCALIDADE MAIS CONHECIDA COMO “BICHINHO”

José Antônio de Ávila Sacramento *

Para Paulo de Carvalho Vale (in memoriam)

No território do histórico Município de Prados-MG está situado o distrito de Vitoriano Veloso, local mais conhecido pelo nome de “Bichinho”. Naquele sub-burgo surgido em torno das minas de ouro do *Gritador*, possível corruptela de *Greta d’Ouro*, foi erigida a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, templo construído entre os anos de 1732 e 1771 e que abriga ricos altares e uma decoração pictórica em estilo rococó da mais alta qualidade, obra creditada ao pincel de Manoel Victor de Jesus; o templo é tombado pelo IPHAN, desde 1949. Atualmente, a localidade tornou-se um dos lugares da moda e o sítio é constantemente freqüentado por turistas e garimpadores do artesanato de qualidade. Instalaram-se ali algumas pousadas e típicos restaurantes que servem boa comida mineira. O distrito de Vitoriano Veloso é um dos maiores responsáveis pela produção do rico e variado artesanato pradense, haja vista a produção da afamada “Oficina de Agosto” e de muitos outros dos seus ateliês, os quais, em suas criações, usam de temas bem mineiros e nacionais. É um lugar aprazível, cuja badalação já extrapolou o Estado de Minas Gerais; as oficinas locais recebem visitas de arquitetos e decoradores dos mais variados recantos do país e até do exterior, em busca de móveis, telas, bordados, fuxicos, esteiras e forros de taquara, crochês, adobes, tapetes, esculturas e adornos em geral, além de boas opções naturais e gastronômicas.

Este escriba teve a felicidade de manter agradáveis e constantes contatos com o então prefeito pradense Paulo de Carvalho Vale (e vice-versa). Em 2004, numa de nossas conversas, eu indaguei ao meu amigo se ele saberia por qual motivo o distrito pradense de Vitoriano Veloso era conhecido pelo nome de *Bichinho*. Paulo Vale confidenciou-me que lamentavelmente, de forma bastante errônea, as pessoas costumavam (e parece-me que ainda costumam) justificar que “o nome tivera sua origem no fantasioso fato de que Vitoriano Veloso ia ver seus escravos nas suas terras e assim dizia: *vou ver os meus bichinhos*, referindo-se aos negros cativos.” Vale advertiu-me que esta versão, apesar de bastante popularizada, não confere com a realidade e nem poderia ser sustentada, uma vez que “Vitoriano Veloso era um homem mulato, filho de mãe negra e escrava, e, assim, não seria possível que ele usasse de uma nomenclatura tão pejorativa para com os de sua própria raça”. Além do mais, continuou Paulo Vale: “não devemos esquecer que a Liberdade para ele (o Vitoriano Veloso) possuía um significado muito particular e especial”. Paulo Vale comentou comigo que “antes mesmo de Veloso nascer, em 1738, aquele lugar já era denominado *Bichinho*, como pode ser verificado em farta documentação encontrada nos antigos livros das paróquias de Tiradentes e Prados, o que já é mais do que suficiente para desacreditar aquela informação”.

Pelo que se sabe, Vitoriano Gonçalves Veloso era um homem humilde, tendo o ofício de alfaiate por profissão. Sabe-se também que ele ficou conhecido como o “mensageiro dos conjurados”, pois era um dos que gozavam da confiança de muitos dos envolvidos com a trama de 1789, especialmente escolhido para transportar notícias importantes ou sigilosas. Registros nos dão conta de que ele foi o portador da mensagem que denunciava o Silvério dos Reis como sendo o delator do movimento conjuratório. Foi, também, portador de diversos outros avisos sigilosos, inclusive de um célebre bilhete escrito por D. Hipólita Jacinta Teixeira de Melo (a “Inconfidente da Fazenda da Ponta do

Morro”, de Prados – 1748/1828), no qual ela informava que o Tiradentes havia sido preso no Rio de Janeiro: *"Dou-vos parte, com certeza, de que se acham presos, no Rio de Janeiro, Joaquim Silvério dos Reis e o alferes Tiradentes, para que vos sirva ou se ponham em cautela; e quem não é capaz para as coisas, não se meta nelas; e mais vale morrer com honra que viver com desonra"*.

Daquela forma, pelo seu envolvimento com a conjura e com os conjurados, como não poderia ser diferente, Vitoriano Veloso acabou sendo detido e condenado à prisão perpétua, em 12 de maio de 1792. A pena dele foi comutada em desterro para a África, por 10 anos, além de incluir açoites públicos pelas ruas do Rio de Janeiro e o recebimentos de outros enquanto caminhava em volta de um patíbulo. Era afilhado de dona Hipólita, então esposa do coronel barbacenense Francisco Antônio de Oliveira Lopes (1750/1794), conjurado que também, a exemplo dele, fora degredado para a África. Vitoriano Veloso morreu no exílio, em Moçambique, no ano de 1803. O que se acredita ser os restos mortais dele retornaram ao Brasil no ano de 1937 e estão depositados no “Panteão dos Inconfidentes”, no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto. Dona Hipólita, a então mais rica proprietária rural do vale do Rio das Mortes, demonstrando generosidade, afeição e gratidão ao afilhado, legou a Ana Joaquina, viúva de Vitoriano, a quantia de dez mil réis, conforme está registrado em seu testamento de 30 de julho de 1827.

No imaginário popular existem várias versões a respeito do surgimento do nome do arraial do *Bichinho*. Mas, segundo Paulo Vale, a possibilidade daquela estigmatizante referência de Vitoriano Veloso aos negros cativos, chamando os de *bichinhos*, deve ser completamente descartada. Para Vale, estudioso que se dedicou exaustivamente aos estudos da história pradense, a hipótese mais provável é a de que nos primórdios daquela povoação surgida no sopé da Serra de São José, dada a exuberância da Mata Atlântica ali então existente, alguns exemplares da fauna habitualmente transitavam por aquela região pradense. Assim, os naturais da localidade conviviam pacificamente e certamente que admiravam ou até mesmo se espantavam com o aparecimento dos vários bichinhos que perambulavam pelas ruelas de chão batido da localidade; seriam animais de pequeno porte, tais como lobos, aves, cobras, lagartos, tatus, jaguatiricas, micos e outros. A partir daí, então, é que aquele lugar – onde o tempo ainda parece passar devagar – teria recebido o nome de “Bichinho”.

É importante notar que a evolução da toponímia é considerada uma parte da linguística e possui fortes ligações com os fatores naturais, históricos e geográficos de cada região. Os nomes dos lugares, sobretudo aqueles topônimos mais antigos, sempre estão ligados a aspectos físicos ou a acontecimentos havidos nos locais que o designam. Pode também existir uma conexão zoogênica ou tradicional entre o nome de cada lugar com o que este nome significa. Seguindo esta vertente, para nós, os “bichos homens”, não fica impossível de acreditar que o nome do “Bichinho”, atual distrito pradense de Vitoriano Veloso, pode mesmo ser derivado daqueles animaizinhos que ali se apresentavam em abundância e que, inadvertidamente, desciam da serra e das matas adjacentes para visitar o povoado, como bem sustentou o meu saudoso amigo Paulo de Carvalho Vale.

* O autor e a sua esposa são cidadãos honorários de Prados-MG. A versão original deste artigo está publicada no *Jornal de Minas* (São João del-Rei - MG, Ano X, ed.123, 14 a 20/05/2010).